

Diretor: Vítor Manuel
Gomes Rafael, OFM

Ano LXXVIII . N.º 320
agosto/setembro de 2015
Preço: 0,50€

Missões



PAZ E BEM

FRANCISCANAS

MENSÁRIO DE FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO MISSIONÁRIA

EDITORIAL

“Em agosto e setembro várias são as festas e memórias dedicadas à Virgem Maria. Queremos aqui honrar a Assunção da Virgem Maria.

O Dogma da Assunção tem como referência a Mãe de Deus, que logo após sua vida terrena foi elevada em corpo e alma à Glória Celestial.”

POR TERRAS DE MARROCOS

“Mas foi na igreja de S. Francisco que parámos. Foi o terceiro encontro com a missão franciscana de Marrocos. A comunidade é formada por três sacerdotes franciscanos: um mexicano, um queniano e um espanhol. Celebrámos a eucaristia, rezando pela Capítulo Geral que se realiza em Roma.”

HOMENAGEM AO PROCURADOR LOCAL - VILA REAL

“Foi com muita alegria que em Vila Real, os Zeladores, Associados e Benfeitores da União Missionária Franciscana (UMF) receberam a notícia da homenagem ao seu Procurador, que o povo da Paróquia de St.º António lhe quis prestar (...).”

Editorial



Texto: Frei Vítor Rafael, OFM

Neste tempo de férias, aproveitamos para descansar dos trabalhos missionários levados a cabo durante mais um ano de atividades. Tempo ainda oportuno para descansar o corpo e relaxar a mente ou dar-lhe a possibilidade de crescer mais intensamente na relação com Deus.

Em agosto e setembro várias são as festas e memórias dedicadas à Virgem Maria. Queremos aqui honrar a Assunção da Virgem Maria.

O Dogma da Assunção tem como referência a Mãe de Deus, que logo após sua vida terrena foi elevada em corpo e alma à Glória Celestial. Este Dogma foi proclamado pelo Papa Pio XII, a 1 de novembro de 1950, na Constituição *Munificentissimus Deus*: «Depois de elevar a Deus muitas reiteradas preces e invocar a Luz do Espírito da Verdade para a Glória de Deus onipotente (...) para aumentar a glória da mesma Mãe Augusta e para gozo e alegria de toda a Igreja (...) pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que a Imaculada Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, terminado o curso da sua vida terrena, foi assunta de corpo e alma à Glória dos Céus». Porque devemos recordar e aprofundar o Dogma da Assunção da Santíssima Virgem Maria ao Céu? O Catecismo da Igreja Católica responde a esta pergunta: «A Assunção da Santíssima Virgem constitui uma participação única na ressurreição de seu filho e uma antecipação da ressurreição dos demais cristãos (CIC 966)».

Irmãos e irmãs, assinantes, amigos e benfeitores, é tempo de descanso e férias. Aproveitai e desfrutai deste período para o repouso e para retemperar as forças do corpo e do espírito. A quantos estais connosco neste itinerário missionário desejamos: boas férias para todos vós!

De 27 a 31 de agosto vamos realizar o nosso Retiro Nacional da UMF, em Fátima. Será uma oportunidade para nos enriquecermos espiritualmente e recebermos informações sobre o trabalho missionário franciscano.

ASSINATURA DO JORNAL M.F.

. Cheque: à ordem de União Missionária Franciscana;
. Transferência Bancária: NIB - 0010 0000 2614049000117 - BPI (enviar comprovativo de pagamento e n.º de assinante).

Terra Santa

Incêndio na igreja de Tabgha

Texto: Fides

“a educação dos jovens nas escolas religiosas deve ser orientada a favor da tolerância e da coexistência”

Num comunicado divulgado na comunicação social do Patriarcado Latino de Jerusalém, a Assembleia dos Bispos Católicos da Terra Santa expressou uma forte condenação do ataque incendiário perpetrado contra o Santuário do Milagre da Multiplicação dos Pães e Peixes em Tabgha, que causou a hospitalização de um monge beneditino e de uma voluntária alemã, intoxicados pela fumo. “Trata-se mais uma vez”, escrevem os bispos católicos da Terra Santa “de um ato violento cometido por indivíduos intolerantes e sem escrúpulos que prejudicam a imagem da Terra Santa, ofendendo os cristãos do país e a Igreja Católica como um todo. Eles também prejudicam a ideia de um Estado que se diz democrático, tolerante e seguro”.

É a terceira vez que a comunidade beneditina da Terra Santa é objeto de ataques ameaçadores. Em abril do ano passado, em Tabgha, jovens extremistas judeus atiraram pedras contra duas cruzes e um altar ao ar livre, enquanto a abadia beneditina do Monte Sião, perto do Cenáculo, em 26 de maio de 2014, poucos minutos depois da partida do Papa Francesco, foi incendiada. “Os mesmos monges beneditinos do Monte Sião”, referem os bispos católicos da Terra Santa em seu comunicado “são muitas vezes objeto de atos de desprezo e violência”. O comunicado sublinha que o novo ato criminoso “prejudica gravemente a convivência das comunidades religiosas no país”, e

repete mais uma vez que “a educação dos jovens nas escolas religiosas deve ser orientada a favor da tolerância e da coexistência”. Além disso, ao agradecer aos políticos que condenaram o ato, reconheceu-se que “nos últimos meses, outros ataques foram perpetrados contra mesquitas ou locais cristãos, sem que tenha tido uma sanção”.

Após o ataque incendiário contra a Igreja da Multiplicação dos Pães e Peixes, uma condenação rápida também foi expressa pela Embaixada de Israel junto à Santa Sé. Num comunicado, a representação diplomática deplora os atos de ameaças contra os lugares de culto perpetrados na Terra Santa, chamando-os de “completamente em desacordo com os valores e tradições de Israel. Israel – afirma o texto enviado à Agência Fides – é uma democracia que garante plena liberdade religiosa para todos os fiéis. Este ato desprezível não representa de modo algum o Estado de Israel e seus valores”. ●



OBITUÁRIO



Faleceu Frei Aquiles do Nascimento Afonso

No dia 18 de junho de 2015, na Enfermaria Provincial do Convento da Imaculada Conceição, Largo da Luz, Lisboa, faleceu Frei Aquiles do Nascimento Afonso. Tinha 94 anos de idade, 54 de profissão religiosa e 45 de sacerdócio.

Após a celebração litúrgica, Frei Aquiles do Nascimento Afonso foi sepultar na sua terra natal, Corujas, Macedo de Cavaleiros.

Nasceu em Corujas, Macedo de Cavaleiros, a 25 de dezembro de 1920, filho de

Eduardo dos Santos Afonso e de Ana da Conceição Herdeira; tomou o hábito, como clérigo, a 7 de setembro de 1941 e fez a profissão temporária a 8 de setembro de 1942. Saiu do Coristado de Filosofia, em Montariol, por doença grave, em 1943. Foi readmitido ao Noviciado, na qualidade de irmão leigo, a 7 de março de 1960 e fez nova profissão temporária a 8 de março de 1961; professou solenemente a 14 de maio de 1964.

Foi para as Missões de Moçambique a 21 de novembro de 1962 e lá passou para clérigo. D. Ernesto Costa ordenou-o presbítero a 30 de agosto de 1970, em Homóine. Em Moçambique principiou por lecionar no Colégio-Liceu Santo António de Homóine, que viria a fechar a 3 de setembro de 1964, passando-se então para a Escola de Habilitação de Professores até 31 de dezembro de 1978 (já nacionalizada desde 3 de setembro de 1976, quando assumiu o nome de

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: União Missionária Franciscana
Diretor e Chefe de Redação: Vítor Manuel Gomes Rafael, OFM

Redação e Administração: Apartado 1021 - 2401-801 LEIRIA
Telefone: 244 839 904/6 Fax: 244 839 905
E-mail: umfprocnac@gmail.com
Site: www.uniao-missionaria-franciscana.org

Projeto Gráfico: www.incentea-mi.pt
Paginação: inCentea Marketing e Inovação

Colaborações: Adriana Palmela, Frei Álvaro Cruz Santos Silva, Helena Espírito Santo, Isabel de Castro, Fr. José Lima, Liliana Carvalho, Madalena Abreu, Sérgio Fonseca.

Impressão: Jorge Fernandes LDA.
Quinta do Conde de Mascarenhas, n.º 9
2825-259 Charneca da Caparica

Tiragem: 8000 exemplares

Depósito Legal n.º 60342/92
Registo de Imprensa n.º 102581
Contribuinte n.º 501 188 207

Assinatura Anual 5,50€
Assinatura Benfeitora 10,00€
Avulso 0,50€



De 15 a 17

Uma releitura 'livre' da Mensagem de Fátima (IV)

Texto: Frei Álvaro Cruz da Silva, OFM

“Durante seis meses a Virgem Maria falou aos pastorinhos, disse-lhes quem era, falou-lhes de Jesus, Seu Filho”

O apoio da sé apostólica

O apoio da sé apostólica, no início dos acontecimentos da Cova da Iria, foi paulatino e gradual, mas sempre num crescendo. Os Papas desde Roma olham para a Igreja Universal, sem perder de vista as realidades locais. Estas realidades locais chegam ao Vaticano, ainda

hoje, pelas informações dos senhores Núncios Apostólicos e do Bispo Diocesano. Estes canais de transmissão oferecem à Sé Apostólica critérios para a pronúncia do Romano Pontífice.

Enquanto isto aqui acontecia, em Portugal e na Serra de Aire, em Roma a Barca de Pedro era guiada pelo Papa Bento XV (1914-1922) e logo a seguir por Pio XI (1922-1939). O genovês, arcebispo de Bolonha, foi um Bom Pastor das ovelhas feridas durante a guerra de 14 e um grande construtor da Paz. Em 1917, promulgou o Código de Direito Canónico, que nos orientou a todos nós até ao ano de 1983. Deve-se a ele as Congregações na Cúria Romana para os Seminários e para as Igrejas Orientais. Impulsionou a formação do clero autóctone. Assinou Concordatas entre a Santa Sé e muitos Estados. Relativamente a Portugal, restaurou a Diocese de Leiria e aprovou a reforma do 'Rito Bracarense'.

Durante seis meses a Virgem Maria falou aos pastorinhos, disse-lhes quem era, falou-lhes de Jesus, Seu Filho e das necessidades do mundo. A partir de 1922, diz-nos o

Dr. Luciano Coelho Cristino: “com a anuência do bispo, a Cova da Iria foi adquirindo as características de um santuário de peregrinação: construção de um fontenário e de edifícios para acolhimento de doentes e de outros peregrinos (...) em junho de 1927 foi inaugurado pelo próprio bispo uma via-sacra, desde o Reguengo do Fetal até à Cova da Iria; em julho do mesmo ano foi nomeado um capelão residente. Logo no princípio desse ano de 1927, a **Sagrada Congregação dos Ritos concedia ao Santuário uma missa votiva de Nossa Senhora do Rosário (...)**. A 1 de outubro de 1929 o Núncio Apostólico em Lisboa visita pela primeira vez o Santuário e a 9 de janeiro de 1929 o Santo Padre oferece aos estudantes do Colégio Português em Roma estampas com uma novena a Nossa Senhora de Fátima”.

Sucedeu a Bento XV o Papa Pio XI, originário de Milão, com estudos feitos na Universidade Gregoriana. Chegou ao Vaticano em 1914 como diretor da Biblioteca Vaticana, foi Visitador Apostólico e Núncio na Polónia. Em 1921 é feito Arcebispo de Milão.

Como Papa, imprimiu na Igreja Cristo grande esplendor. Instituiu a Festa de Cristo Rei do Universo, em 1925; promoveu a Celebração, com pompa, dos Congressos Eucarísticos Internacionais (Amsterdão, Chicago, Sidney, Cartago e Budapeste); decretou os Anos Jubilares de 1925, 1929 e 1933. Apoiou com entusiasmo a Ação Católica; incrementou a Atividade Missionária da Igreja, *ad extra* (nos cinco continentes) e *ad intra*, (com a formação de clero e a publicação de Documentos, Exposições e Congressos Missionários em Roma). Ofereceu à Igreja condições de paz no pós-guerra, com a assinatura de Concordatas e Acordos com muitos Estados, dos quais se destaca a Concordata assinada em 1929 com o Estado Italiano, à qual ficou anexada o Acordo de Latrão.

Remonta ao Pontificado de Pio XI a mobilização de juventude em Movimentos como a Juventude Operária Católica, a Cruzada Eucarística e Escutismo Católico. Em 1931 inaugura a Rádio Vaticano e institui a Academia Pontifícia das Ciências em 1936, e apoiou Centros de Reflexão Ecuménica. ●



OBITUÁRIO



Faleceu José da Silva Correia

Faleceu no sábado, 13 de junho de 2015, na Enfermaria Provincial do Convento de S. Boaventura de Montariol, Braga, o franciscano Fr. José da Silva Correia. Tinha 93 anos de idade, 73 de profissão religiosa e 67 de sacerdócio.

Após Missa de Corpo Presente realizada às 15h00 do dia 15 de junho na igreja do Convento de S. Boaventura de Montariol, Braga, e presidida pelo Vigário Provincial, Frei João Dias Vicente, com a presença de familiares do confrade falecido, o corpo do Fr. José Correia seguiu para o talhão

dos franciscanos, no Cemitério dos Arcos, em Braga, onde foi sepultado.

Nasceu em Gondufe, Ponte de Lima, a 13 de janeiro de 1922, filho de João Correia e de Isaura Ferreira da Silva; tomou hábito a 7 de setembro de 1941 e fez a profissão temporária a 8 de setembro de 1942; professou solenemente a 4 de outubro de 1945 e foi ordenado sacerdote a 25 de julho de 1948.

Fez o Curso de Pastoral em 1948/1949 e o Curso Geral de Música no Conservatório do Porto (1952-1956) e o 2.º Ano Superior de Composição no Conservatório Nacional de Lisboa (1956-1958). Lecionou Religião, Português, Latim, Música e Ciências Naturais no Colégio de Montariol, Braga (1949-1956 e 1964-1966), em Leiria (1958-1960), Varatojo (1960-1964), Amátongas, Moçambique (1966-1969) e Vila Pery (1969-1974). Foi Vice-Mestre de Novíços em Varatojo (1960-1964);

Mestre de Irmãos no Seminário da Luz, no Colégio de Montariol e no Convento de Varatojo; Pároco da Conceição de Faro (1976-1978), do Sobral da Lagoa, Vau e Olho Marinho de Óbidos e Coadjutor da Amoreira e Serra de El-Rei (1979-1982). Em julho de 1982 integrou-se na Fraternidade de Leiria, para colaborar nos serviços do convento, na União Missionária Franciscana e em outros ofícios domésticos.

Nos últimos anos passou a viver no convento de S. Boaventura, em Montariol, Braga, onde deu a sua colaboração em vários trabalhos pastorais, nomeadamente no Santuário de S. Bento da Porta Aberta. Como Ihe faltassem as forças, recolheu à Enfermaria Provincial onde veio a falecer.

Pela sua inteligência, dotes naturais para a música, sentido de vida fraterna e dedicação ao trabalho, soube ser em toda a parte um exemplar religioso franciscano. O Senhor Ihe dê o eterno descanso. ●

Escola Secundária do Estado). Em finais de 1979 transferiu-se para Inhambane, trabalhando no Centro de Promoção Humana de Guiúá como professor (enquanto o deixaram) e na paróquia como coadjutor. Regressado a Portugal, passou a fazer parte da comunidade de Santo António a Sé, onde desenvolveu grande atividade no serviço religioso daquele Santuário.

Nos últimos anos da sua vida, como Ihe faltassem as forças, recolheu à Enfermaria Provincial onde veio a falecer.

Pela sua bondade, alegria, conhecimento dos homens e das coisas, sentido de vida fraterna e dedicação ao trabalho, soube ser em toda a parte por onde passou um exemplar insigne de religioso franciscano. O Senhor Ihe dê o eterno descanso. ●

Por terras de Marrocos

Uma África diferente... (parte II)

Texto: Frei José António C. Pereira, OFM

“Apesar de todas as restrições, é notável a presença franciscana.”

O sexto dia levou-nos de Fez a Rabat. Pelo caminho, dois encontros significativos. Primeiro parámos em Volubilis, cidade romana com memórias de outras eras e outras influências culturais. São notáveis as ruínas desta cidade romana. Muitas das ruínas precisaram de restauro depois do terramoto de Lisboa de 1755. Mas lá está o maior arco de triunfo romano original, que resistiu mesmo ao terramoto. Bem perto dali podemos ver a Cidade santa de Ibris, a Meca marroquina, onde se venera a sepultura dos fundadores da dinastia marroquina. Diz-se que um marroquino que visite cinco vezes Ibris não precisa de ir a Meca. O destino desse dia era Meknés, também património da humanidade desde 1996 e hoje centro da produção vinícola do país. Foi centro do sultanato marroquino e conhecida como Versalhes de Marrocos. Mais de 70% dos seus 700 mil habitantes é berbere, o que explica que muitas inscrições públicas sejam em berbere, uma escrita completamente diferente do árabe.

Ali tivemos o segundo encontro com a Missão Franciscana. Celebrámos a eucaristia numa igreja da cidade que já foi franciscana e agora é paróquia por um sacerdote secular. A igreja é simples, com uma imagem de Nossa Senhora esculpida séculos antes por um preso cristão. Foi para os presos cristãos que o Sultão pediu sacerdotes franciscanos que os pudessem assistir. Ficámos a saber que um grande número de estudantes da Guiné-Bissau celebra ali a sua fé, sentindo-se a necessidade de um missionário que fale o português para lhes poder dar melhor assistência.

Após a eucaristia fomos visitar o “Centro de Santo António”, onde reside a comunidade franciscana. Ali se dá formação extraescolar a cerca de 1200 estudantes. Apesar de todas as restrições, é notável a presença franciscana. Na comunidade vive Fr. Joel, há mais de 40 anos. Falou-nos com o coração dessa presença que escuta, desses contactos respeitosos com o mundo muçulmano, dessa evangelização silenciosa tão característica da missão franciscana de Marrocos. De certa maneira o espírito franciscano já faz parte da cultura. Um dos ex-libris de Meknés são os bordados que as missionárias franciscanas ensinam às jovens e que são recomendados nas lojas de especialidade.

Despedimo-nos de Meknés com uma visita panorâmica à volta dos 44 quilómetros de muralhas, que representam quatro séculos de história. Uma das portas de acesso, considerada a mais bela de toda a África, é obra de Leonel Teodoro, arquiteto português, que foi parar às masmorras e que comprou a liberdade com a construção daquela obra de arte, onde até incorporou colunas vindas de Volubilis. Deu para sentir um certo orgulho patriótico. Ao sair, despedimo-nos de uma grande colónia de cegonhas que ali residem todo o ano como sentinelas duma história de grandezas.

Também Rabat, o campo da vitória, onde chegámos no penúltimo dia da viagem, foi declarada património da humanidade pela Unesco. É a capital política do reino. Ali tem a monarquia os seus palácios, onde habita, mais fora da cidade, e onde governa, mais no interior da cidade. Como em todas as grandes cidades marroquinas, o moderno convive harmoniosamente com a parte histórica da cidade, cuja medina remonta ao século XII. Nas muralhas que a cercam foram encrustadas 160 colunas vindas de Volubilis. Segundo indicações que nos deram, uma das torres, destruída pelo terramoto de Lisboa, só agora está a ser restaurada.

Mas foi na igreja de S. Francisco que parámos. Foi o terceiro encontro com a missão franciscana de Marrocos. A comunidade é formada por três sacerdotes franciscanos: um mexicano, um queniano e um espanhol. Celebrámos a eucaristia, rezando pela Capítulo



Igreja dos Santos Mártires de Marrocos, Marraquexe.

Geral que se realiza em Roma. Mais uma vez nos foi recordado o grande número de estudantes lusófonos a necessitar dum missionário que fale português. Foi a pensar neles que a UMF trouxe de Portugal algumas Bíblias que ali entregámos. No fim, a comunidade tinha um lanche à nossa disposição, que muito agradecemos.

O destino deste dia era Casablanca, a capital económica de Marrocos. Na viagem recordámos o lugar, a cerca de 70 quilómetros de Rabat, onde Churchill e Roosevelt se reuniram para preparar a invasão da Normandia. É uma grande cidade, com seis milhões de habitantes, é uma cidade moderna, de grandes avenidas rasgadas para o futuro. Aqui se proclamou a independência de Marrocos. Parámos para uma visita à Igreja de Nossa Senhora de Lurdes, ex-libris da cidade pelos seus vitrais que representam as aparições. Uma bela igreja e sinal da fé cristã no meio de tantas mesquitas com duvidosa arquitetura. Visitámos o exterior da grande mesquita, construída há 22 anos por Hassan II. Sem fugir ao estilo árabe de todas as mesquitas, esta sobressai pela grandiosidade. No seu interior podem rezar vinte e cinco mil pessoas e no seu

exterior mais oitenta mil.

No último dia saímos de Casablanca em direção a Marzagão. Não foi fácil a saída com tanto trânsito à hora de ponta. Ao sair da cidade ainda pudemos apreciar a muralha antiga que nos fala dos cartagineses que fundaram Anfa, mais tarde conquistada pelos portugueses e que hoje recebe festivais, onde se cruzam melodias do Magrebe com as músicas de todo o mundo.

O último dia estava destinado a Marzagão, forte português, bem conservado, graças à boa colaboração do governo dos dois países. Marzagão e Azamur são os dois sinais mais fortes da presença portuguesa. Deambular por aquelas ruas ainda com nomes portugueses, visitar a cisterna monumental e o Café do Mar, contemplar a Igreja da Assunção, subir às muralhas, é um ritual que traz à memória recordações de feitos heroicos de um povo que soube dar novos mundos ao mundo. Com estas recordações fomos para o restaurante à beira do Atlântico, onde saboreámos a última refeição antes de regressarmos a Lisboa. Assim terminava a visita a uma África diferente. Como seria bom que todos os países africanos chegassem a este estado de desenvolvimento! ●

Homenagem em Vila Real

Vila Real homenageia Procurador Local com a inauguração de um busto

Texto: Frei José Dias de Lima, OFM

“Aos Padres Franciscanos, que deram a sua vida dilatando a sua Fé na cidade de Vila Real.”

Foi com muita alegria que em Vila Real, os Zeladores, Associados e Benfeitores da União Missionária Franciscana (UMF) receberam a notícia da homenagem ao seu Procurador, que o povo da Paróquia de St.º António lhe quis prestar, a pretexto da comemoração das bodas de prata do lançamento da primeira pedra da Igreja Paroquial e no contexto da celebração da Festa do Padroeiro da UMF, e que deu nome a esta mesma Igreja.

Esta homenagem consistiu na inauguração de um busto do Padre Diamantino Maciel Rodrigues, de hábito franciscano, e colocado

sobre um pequeno pedestal em pedra com algumas palavras evocativas do momento, escritas numa placa de bronze, com os seguintes dizeres: “Homenagem ao Padre Diamantino Maciel, OFM, grande impulsionador da Igreja de Santo António. Aos Padres Franciscanos, que deram a sua vida dilatando a sua Fé na cidade de Vila Real. A quantos, pelas suas dádivas e esforços, tornaram possível a construção da Igreja de Santo António. Sendo Bispo de Vila Real, D. Amândio José Tomás. Vila Real, 13 de junho de 2015”.

Autoridades eclesásticas, entre as quais D. Amândio José Tomás, Frei D. António Montes Moreira, Bispo Franciscano Emérito de Bragança Miranda; Frei Victor Melícias Lopes, Ministro Provincial dos Franciscanos, Frei José Maciel Costa e Silva, Superior dos padres Franciscanos em Vila Real, bem como algum clero secular, e ainda autoridades civis, entre as quais o Presidente da Câmara de Vila Real, Sr. Engenheiro Rui Santos e alguns vereadores e também muitos cristãos e paroquianos marcaram presença neste momento singelo de gratidão do povo transmontano aos Padres Franciscanos, de modo particular ao Padre Frei Diamantino Maciel Rodrigues, pároco de Santo Antó-

nio e Procurador da UMF, nestas terras de Alleu.

As autoridades eclesástica e civis recordaram, em público reconhecimento, a dedicação dos Padres Franciscanos ao longo de muitas décadas, quer no seu serviço apostólico quer no seu serviço social nas paróquias de S. Pedro e de Santo António, sendo o sinal mais expressivo, e mesmo mais visível, desta presença dos Frades Menores, a ousadia empreendedora, apostólica e altruísta de Frei Diamantino Maciel, o promotor principal da Construção da Igreja de Santo António, bem como o Lar e Infantário, que lhe estão adjacentes assim como outras obras sociais da paróquia do Santo a quem o Padre António Vieira apelidou como “O Santo de Todo o Mundo”.

Mas, sabia o caro leitor que a Igreja só foi dedicada a Santo António, porque o Frei Diamantino Maciel fez questão? É verdade! Com efeito, o Bispo de Vila Real de então, D. Joaquim Gonçalves, queria que a Igreja se chamasse Igreja de S. Joaquim e Santa Ana, mas o padre Maciel disse ao Sr. Bispo que deveria ser Igreja de Santo António, porque sendo um Santo tão popular e tão conhecido, existindo tantos Antónios por esse mundo fora, seria melhor recorrer a Santo António na hora de avançar com a obra

porque “se milagres desejais, recorrei a Santo António!”. O Sr. D. Joaquim, renitente, lá aceitou e, quem sabe, lá no céu, além de S. Joaquim e Santa Ana não se terem importado, tenham até disparado à gargalhada com Santo António, quer pela boa intenção do Sr. Bispo, quer pela estratégica determinação de Frei Maciel. E se, como dizia Fernando Pessoa, “Deus quer, o homem sonha a obra nasce”, Deus quis, Frei Diamantino Maciel sonhou e a Obra nasceu. Quanto à estratégia para a realização do sonho, foi mesmo de inspiração divina, e talvez um dia a conte. E assim, este Frade Menor, no seu altruísmo franciscano, continua a gastar-se pelo seu povo e pela Igreja. ●



PROCURADORIA DE VILA REAL - ENCONTRO DE ZELADORES E ASSOCIADOS

Texto: Frei José Dias de Lima, OFM

No dia 21 de junho de 2015, realizou-se mais um encontro de Zeladores e associados da UMF da Procuradoria de Vila Real, na Igreja de S. Pedro.

Teve início às 14h30, com a celebração da Eucaristia por todos os Zeladores e associados vivos e defuntos da UMF desta Procuradoria transmontana, presidida pelo Procurador Local da Procuradoria de Vila Real, o Padre Frei Diamantino Maciel Rodrigues, coadjuvado pelo Padre Frei José Dias de Lima, Vice-Procurador Nacional.

Na sua homília, Frei Diamantino Maciel destacou a figura de St.º António, padroeiro da União Missionária Franciscana, como um exemplo a imitar por todos os zeladores e associados, pela sua oração perseverante; pelo compromisso com os pobres, mormente das periferias; pela compaixão com os doentes e deserdados da vida e pelo

empenho no anúncio do Evangelho, demonstrando um profundo amor à Palavra de Deus, da qual se tornou Arsenal das Sagradas Escrituras.

Depois da Eucaristia houve um pequeno momento de Formação, orientado pelo padre Frei José Dias de Lima, que teve como base o tema do dia da Diocese de Vila Real “A Família segundo a Palavra de Deus” e, neste contexto, em que situações podemos considerar que a família é também missionária e enviada a anunciar a Boa Nova do Evangelho. Após um pequeno diálogo, Frei Lima sublinhou neste contexto a importância do trabalho dos Zeladores e associados da UMF, como retaguarda decisiva, para o trabalho dos missionários franciscanos, concretamente com a sua oração e as suas ofertas, recordando o compromisso da parte dos missionários e sacerdotes franciscanos de rezarem pelos trabalhadores da retaguarda missionária, vivos e defuntos, como forma mais sublime de gratidão.

Num terceiro momento, seguiu-se a distribui-

ção da imprensa missionária pelas Zeladoras e a apresentação do resultado da generosidade dos associados, do ano de 2015.

Seguiu-se, por fim, um convívio, no qual todos partilharam da mesma mesa sobre a qual

estavam os alimentos e bebidas que a generosidade coletiva trouxe para este encontro. Terminamos com uma oração de ação de graças e votos de um trabalho frutuoso a todos os zeladores e associados da UMF. ●



O menino que não andava

Um testemunho de Fé

Texto: Frei José dias de Lima, OFM

“graças ao Santíssimo Sacramento, esta mãe foi atendida (...) porque recorreu ao patrocínio da bendita Mãe, Senhora do Carmo.”

Firmina tinha um filho que, apesar de ter quase três anos, ainda não andava. Desconsolada, via os outros meninos com doze meses, e até menos, a andar enquanto o seu cachopo continuava sem se ter de pé.

O seu marido, que fazia parte da junta de freguesia de Lemenhe em Vila Nova de Famalicão, era tão generoso, que um dia acabou por lhe dizer:

– Ó homem, és um miserável, dás tudo!

O dinheiro que se destina a comprar coisas para o nosso negócio desencaminha-lo para a Senhora do Carmo!

– Mulher, algumas vez faltei com os deveres de pai e esposo?! – respondeu o marido.

– Claro que não, homem! Mas já que trabalhas tanto para a Nossa Senhora do Carmo, e rezas pouco de tanto mourejar para Ela, vou ao Sagrado Lausperene, que estamos na novena em sua honra, e pedir-Lhe a graça de nos fazer andar o nosso filho.

– Ó Tone, ficas-me com o Jorginho?

– Mas, Tia, estão clientes aqui no estabelecimento! Quem toma conta do café?! – Não te preocupes, faz o que puderes que depois te recompenso.

Ao passar pelo local onde o marido estava a trabalhar, este perguntou-lhe:

– Onde vais, mulher?

– Vou fazer o Sagrado Lausperene! Eu já te tinha dito que ia!

– Mas estão a chegar trabalhadores para lhes dares o lanche! Não podes sair do estabelecimento, mulher! Eu estou a trabalhar e não posso tomar conta do negócio agora! Quem ficou a atender os fregueses?!

– O Tone, nosso sobrinho, ele toma conta do nosso menino e serve quem lá for, toma nota e pagam depois.

– Bem, mulher, vai lá então mas não demores!

Firmina lá chegou ao pequenino san-

tuário de Nossa Senhora do Carmo e ajoelhou diante do Santíssimo. No final do *Tantum Ergo* e da bênção solene com a Sagrada Custódia, Firmina orou, como se desejasse que o santíssimo não fosse recolhido e aquele Lausperene se tornasse permanente até que o seu filho começasse a andar, fazendo a seguinte prece:

«Senhor, não me deixeis, não me abandoneis sem valer ao meu filhinho, fazei que ele ande, fazei que ele ande. Ó Santa Mãe Senhora do Carmo, nesta casa que é vossa não permitais que o Vosso Divino Filho se retire sem que me atenda! Vós podeis tudo o que quiserdes junto D’Ele porque Sois Medianeira! Ele há de ouvir-vos e há de atender-me! Ele há de ouvir-vos porque, se eu não sou digna, Vós, Senhora do Carmo, que sois a Sua Mãe, tornai dignos os meus rogos através dos vossos méritos e rogai por mim ao vosso dileto filho que se recolhe no sacrário».

– Ó mulher, perdemos alguns clientes, e parte deles até se aviavam da nossa mercearia! – lamentou o marido quando ela chegou a casa.

– Olha, homem, mais vale perder no negócio do que perder os favores da Senhora do Carmo! – respondeu a esposa, sem hesitar, recolhendo-se depois para mudar a roupa. Enquanto se mudava, Firmina ouviu chamar por ela, mas aos gritos:

– Ó tia, ó tia!

– Ai, nossa Senhora do Carmo, que aconteceu! Qual é desgraça agora?

Desceu logo para baixo e viu o seu filho a correr em direção a um púcaro de azeitonas, começando a comer, e depois a correr tudo de trás para a frente, a andar como um pião, perante o espanto de todos os presentes que ali se encontravam e conheciam o problema da criança. Os homens que lá estavam tiraram todos o chapéu e ficaram sem saber que dizer, todos varados e alguns com lágrimas nos olhos. Perante aquela cena, Firmina ficou sem palavras, enquanto o menino correu depois, pela primeira vez, para os seus braços maternos, que o acolheram emocionados. Abraçada assim ao filho e virando-se para os presentes disse:

– Foi Nossa Senhora do Carmo! Foi Nossa Senhora do Carmo!

E assim, graças ao Santíssimo Sacramento, esta mãe foi atendida, não tanto pela sua oração, que ela reconhecia não ser merecedora, mas porque recorreu ao patrocínio da bendita Mãe, Senhora do Carmo. E porque Nossa Senhora pode, porque é Mãe de Deus e deve porque é Nossa Mãe, como cantam os fiéis que a Ela se consagram, o milagre aconteceu e o menino andou e continua a andar até hoje, já adulto e homem feito, como me testemunhou, alegremente, a sua mãe. ●

DIÁRIO DA MISSÃO HUMANITÁRIA NA GUINÉ BISSAU (I)

Texto: Frei Joaquim Augusto, OFM

OS SORRISOS E AS PALAVRAS DESTE POVO SÃO A MELHOR RECOMPENSA PELO NOSSO TRABALHO!

De 18 a 28 de maio acompanhei o Sr. Presidente da Junta das Freguesias de Leça-Matosinhos, Pedro Sousa, as Ex.mas Senhoras Sofia Barroso, Maria José Regufe, Paula Gomes e o fotógrafo Sr. José Ferreira, à Guiné Bissau, com uma ajuda humanitária numa cooperação com a cidade de Mansoa “geminada” com Matosinhos. Chegamos a Bissau às 4h do dia 19 de maio! Assim que saímos do avião, fomos invadidos pelo cheiro a África, algo inex-

plicável, mas que nos marca para todo o sempre: a terra, a vegetação, a humidade de 80% e os 28 graus de temperatura fazem com que a chegada seja inolvidável!

À nossa espera tínhamos a Senhora Administradora de Mansôa, o Jornalista Mussá Baldé, o Frei Jorge (responsável pela Missão Franciscana em Brá, onde estamos alojados), os representantes da ONG, Francisco e Luís. Saímos em viaturas oficiais do Estado, pela Avenida principal até entrarmos na picada que nos trouxe até à Missão dos Padres Franciscanos.

Conforme nosso compromisso, viemos mesmo em Missão e não optamos por ficar alojados em hotéis, antes num edifício humilde, mas com muita dignidade e “Coação”! O Frei Jorge Falcão, guardião da comunidade de Brá, recebeu-nos com fruta e brindamos com sumo de caju. Demos graças a Deus na Capelinha e procuramos tomar um duche para refrescar.

O som dos pássaros no nascer do Sol é algo fantástico! Isto é África! Algumas horas mais tarde, quase sem dormir, fomos ao centro de Bissau para dar início ao primeiro grande objetivo: retirar os contentores do Porto de Bissau e assegurar o seu transporte até Mansôa. Sabemos que será uma missão muito difícil, pois as burocracias são imensas e muito morosas. Tudo faremos para desalfandegar os contentores com a Ajuda humanitária e distribuir a quem realmente necessita.

No dia 19 de manhã “começamos bem”: problema elétrico na viatura que nos impediu de tratar dos assuntos previstos. Nada que não seja normal e que temos que encarar com essa naturalidade e calma. Felizmente, o problema foi resolvido, mas apenas quase duas horas depois. Com a manhã perdida, fomos diretos ao Porto de Bissau para verificar se o “nosso Navio” já tinha chegado... ali estava, imponente, o

Boxy Lady tinha atracado há poucas horas e começavam as manobras dentro do Porto. No entanto, para que seja possível desalfandegar os dois contentores de 20 pés cada um, até à sexta-feira seguinte, muito trabalho tínhamos pela frente! Nesse instante, juntamente com o amigo Mussá Baldé, fomos diretos ao gabinete do Tenente Coronel Quicalá Baldé, Comandante Geral das Alfândegas. Num encontro bastante agradável, durante o qual foram trocadas impressões sobre esta Missão Humanitária – o Tenente é natural de Mansôa e está bastante empenhado em ajudar-nos. Apresentamos as nossas preocupações e definimos a melhor estratégia para “lutar contra o tempo”. Temos apenas meia dúzia de dias para concretizar esta Missão, quando os factos atestam que, na maioria dos casos, são necessários mais de 30 dias para “desalfandegar contentores do Porto de Bissau”.

Frei Luís Pereira de Mesquita

O devoto da Senhora do Sameiro (Parte II)

Texto: Frei José Dias de Lima, OFM

“A sua preocupação eram os outros, mais que ele próprio.”

Frei Luís Mesquita, depois da sua Ordenação Sacerdotal, começou por ser professor no Colégio de Montariol, mas também exerceu o ministério da pregação. Quando estava a pregar no Algarve, alguns pescadores dirigiram-se a ele e pediram-lhe:

– Sr. padre, não pescamos nada! Nem um polvo entra nos nossos alcatruzes! (espécie de potes de barro utilizados para a pesca do polvo, que ali entra à procura de refúgio ou alimento, tornando-se a sua saída difícil ou mesmo impossível). Venha benzê-los!

– Serei eu Cristo, para que, com a minha bênção, pesqueis abundante polvo, como os apóstolos pescaram abundante peixe?!

– E não é o Senhor um padre, com poder nas suas bênçãos? – responderam.

– Acreditais mesmo que, se for lá benzer-vos os púcaros, tereis mais sorte?! – Se não acreditássemos não vínhamos ter com um padre, não lhe parece? – insistiram.

O padre Mesquita desceu à praia e abençoou os alcatruzes. Depois de mergulhados na água, em pouco tempo se encheram de polvo, a ponto daqueles pescadores terem de pedir aos companheiros, que estavam próximos, que os viessem ajudar, pois chegava para todos.

Mas o frei Mesquita não levou isso à conta de milagre, nem andou por aí a tirar dividendos disso. Tal como os apóstolos junto à Porta Formosa do Templo, tratou de sacudir todo o mérito para Jesus Cristo, ou mesmo para o poder medianeiro da Senhora do Sameiro, considerando-se, a si próprio, como um servo inútil.

A sua preocupação eram os outros, mais que ele próprio. Por isso, a sua presença junto aos doentes mentais do Hospital Psiquiátrico dos Irmãos de S. João de Deus, já como Capelão, no Funchal, era uma forma de estar com os da periferia, com os últimos da sociedade. No meio daqueles deserdados da saúde mental, tratava de marcar uma presença, não apenas de celebrante da

Eucaristia e de ministro dos sacramentos, mas de um companheiro, que com eles brincava, se divertia e jogava à bola, querendo dar um sinal claro de que não estava ali por ter pena deles, mas porque os sentia seus irmãos.

Ora, foi num desses jogos de futebol que um dos doentes o pontapeou no joelho e deu-lhe cabo do menisco, tendo vindo a ser, posteriormente, operado, mas ficando a sofrer sempre desse problema. Dizia o Frei Mesquita, desculpando o faltoso: “Fui o único culpado! Como poderia responsabilizá-lo, se ele não estava bem do seu juizinho? Ainda se riu de mim, o coitado, como se nada fosse!”

O bem que ele fazia, nem às pedras o dava a conhecer, como aconteceu com certa senhora, no ano de dois mil e um, já depois dele vir das Missões de Moçambique. Tratava-se de uma mãe, já sem marido, que vivia com os seus filhos de seis e onze anos e que, ao ir trabalhar, deixara abertas as janelas da sua casa no sótão do prédio onde vivia, tendo a chuva ensopado, por completo a única cama, onde dormia com os seus filhos, e todo o já parco recheio que possuía naquelas águas furtadas. O padre Mesquita, ao tomar conhecimento da situação perguntou-lhe:

– Então, e não é capaz de arranjar uma casinha, que não seja tão acanhada, para poder ter as suas janelas abertas sem que lhe entre a chuva dessa maneira?

– Por acaso, Sr. padre, conheço um apartamento para alugar, ali bem perto, que outro mais barato não encontro mas, mesmo assim, eles pedem tanto dinheiro!

– E quanto lhe pedem?

– São quatrocentos e trinta euros, logo de entrada, pois paga-se a renda de duzentos e quinze euros mais a caução do mesmo valor que é a renda adiantada.

– Mude-se para lá, que lhe empresto esse quantitativo e mo devolve quando puder!

Quando a dita senhora, passados uns largos meses, juntou o dinheiro da dívida, e o foi entregar o padre Mesquita, este não aceitou e disse-lhe:

– Fique com ele para a ajudar a recompor a sua vida, que lhe faz mais falta a si que a mim!

Outros gestos desvendaria, para além daqueles que já descrevi neste Mensário Franciscano, mas seria como quem pega nas cerejas de um cesto, viriam uns atrás doutros e faltaria papel e tinta. Mas basta que estejam à conta de Deus e de Nossa Senhora do Sameiro, como ele sempre desejou durante a sua vida de Frade Menor. ●

Dali, debaixo de muita humidade, calor, abordagens constantes na rua por transeuntes, seguimos para um “despachante para tratar de toda a burocracia necessária”. Demos passos firmes, conseguimos bons contactos e conseguimos os requerimentos necessários e demais documentação para enviar para a Direção Regional do Plano e Integração Regional e desejar que o parecer técnico, além de favorável, seja célere!

De seguida, fomos à Portline Containers International, com o objetivo de validarmos o documento mas esbarramos em mais burocracia e um grande entrave financeiro. Estavam a exigir o pagamento de uma elevada quantia para essa validação, bem como uma “caução garantia da devolução dos contentores de cerca de 2000 euros”. Após vários contactos para Portugal e para algumas pessoas com elevadas responsabilidades na Guiné – e com a preciosa ajuda de alguns amigos que têm estado sempre na Guiné –

conseguimos desbloquear a situação.

Importa salientar que, devido à falta de tempo, a nossa equipa teve que se dividir. Três elementos estiveram na Portline e outros três foram para o Palácio do Governo, onde tinham uma reunião fundamental em todo o processo de estabilização do “Programa Protocolar da Visita Oficial”: audiências com membros do Governo e visitas institucionais. Encontro oficial por parte do Senhor Embaixador de Portugal na Guiné Bissau e recepção da chave da Cidade de Mansôa pelas mãos da Senhora Administradora, Dr.^a Sábado Sanca, bem como muitos outros encontros e visitas.

No meio de tudo isto, fomos circulando de jipe, por estradas esburacadas, passando por edifícios de Estado, pontos de venda de caju, Mercado de Bandim e contemplando as deslumbrantes diversidades africanas. Os sorrisos e as palavras deste povo são a melhor recompensa pelo nosso trabalho! ●



São Pedro e São Paulo

Celebração da solenidade de São Pedro e São Paulo em Jerusalém

Texto: Frei Edson Augusto Nhatuve, OFM

“o sacerdote é uma pessoa que se encontra sempre entre gente em festa”

Celebrar a solenidade destes dois grandes Apóstolos é fazer um recuo no tempo e viver a vocação primeira da Igreja, que é aquela dimensão missionária, na qual cada membro é chamado a anunciar o Evangelho, cada qual segundo a sua condição.

Jerusalém, de onde tudo começou e partiu, não fica alheia a esta solenidade e portanto no dia 28, por volta das 19h40, tivemos o canto das I Vésperas da solenidade no Coro da igreja de S. Salvador. E porque esta data tem sempre um significado particular e especial para todos aqueles que concluem a sua formação em vista às Ordens Sacras nesta cidade, pois é a data escolhida para as ordenações. Às 21h tivemos a Hora Santa na Igreja de S. Salvador juntamente com os pais, familiares e amigos dos candidatos que se ordenariam no dia seguinte.

Presidiu a este momento nobre de encontro com o Senhor exposto no altar o Guardião do convento. Tivemos como intenção da nossa oração: “As vocações” na Ordem, mas em particular as vocações para o serviço à Custódia de Terra Santa, para que o Senhor não cesse de mandar operários à sua messe para levar avante a nobre tarefa de custódios dos lugares santos.

No dia 29, às 8h30, tivemos a oração das Laudes no Coro e, às 9h30, teve início a celebração eucarística na qual foram ordenados nove irmãos franciscanos: seis sacerdotes, dos quais três pertencentes à Custódia de Terra Santa, dois da Província de Jalisco, México, e um da Província de S. Cirilo e Metódio da Croácia, e três diáconos que irão continuar os seus estudos no Seminário Franciscano Internacional de Jerusalém e ao mesmo tempo exercitando o ministério diaconal. Foi o presidente da celebração e bispo ordenante, o Patriarca de Jerusalém, o senhor dom Fouad Twal o qual durante a homilia exortou aos neo-diáconos e sacerdotes a ter uma predileção ou um amor pela Terra que viu nascer o Salvador e que esse amor devia fazer-se sentir na difusão da existência física desta terra pois até então é fácil ter uma ideia de Jerusalém celeste e ignorar a existência de Jerusalém terrena e das “pedras vivas” que aí habitam e que precisam muito das orações de todos os cristãos da Igreja uni-

versal. A santa Missa terminou por volta das 11h45. Logo a seguir nos dirigimos ao salão da cúria custodial para saudar e parabenizar os neo-ordenados. E, às 12h45, nos reunimos no refeitório do convento para a confraternização, onde se transparece melhor o carisma franciscano na partilha do pouco mas que satisfaz a todos.

Às 18h tivemos a celebração das II Vésperas da solenidade, presididas pelos neo-ordenados, e foi o presidente principal o P. Filip da Croácia, e o P. Alberto da Custódia de Terra Santa deu uma pequena reflexão após a leitura breve na qual subli-

nhou que o sacerdote é uma pessoa que se encontra sempre entre gente em festa e não só por causa do carácter do dia, mas mesmo naqueles momentos difíceis, pois a nossa fé em Cristo ressuscitado transforma aqueles momentos em festa.

Roguemos ao Senhor para que, pela intercessão dos santos Pedro e Paulo, mande novas vocações religiosas e sacerdotais para o serviço da sua messe!

A todos os Leitores do Missões Franciscanas, vão as minhas calorosas saudações de Paz e Bem! ●



SEJA MISSIONÁRIO COM OS FRANCISCANOS

Como pode colaborar com o trabalho dos Missionários Franciscanos?

- Em primeiro lugar pela oração e ajuda material, fazendo-se zelador ou associado da União Missionária Franciscana.
- Contribuindo para uma «Bolsa de Estudos», que pode ser oferecida de uma só vez ou em prestações.
- Enviando esmolas de intenções de missas para serem celebradas nas missões. A celebração da Santa Missa nas missões ajuda à subsistência dos missionários.
- Enviando donativos, através de transferência bancária, à ordem de Missões

Franciscanas: NIB (BPI) - 0010 0000 2614049000214 (solicite o seu recibo).

- Ser assinante do Missões Franciscanas é também um modo de colaborar na difusão do espírito missionário franciscano. Esperamos a sua participação!

MISSÕES FRANCISCANAS
Rua dos Mártires, 1 Apartado 1021
2401-801 LEIRIA

